



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO EXPRESSOS EM MEMES: RISOS E REVOLTA NUMA EXPERIÊNCIA DE AULA REMOTA

ESTEREOTIPOS DE GÉNERO EXPRESADOS EN MEMES: RISAS Y REVUELTA EN UNA EXPERIENCIA DE CLASE REMOTA

GENDER STEREOTYPES ILLUSTRATED IN MEMES: LAUGH AND UPSET IN A REMOTE CLASS EXPERIENCE

Thatiane Oliveira Nascimento¹

Ana Paula Bispo da Silva²

RESUMO

Estudos sobre gênero têm destacado a necessidade de rever práticas pedagógicas de forma a refletir sobre a igualdade de direitos em sala de aula. Este trabalho apresenta um relato de experiência que teve como objetivo promover a reflexão de crianças acerca do sexismo em relação ao feminino. Para tanto, foram usados os “memes” que circulam na internet e abordam temas fazendo uso da comicidade. A experiência se deu através de uma aula remota por grupo de WhatsApp, com alunos/as do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública. Consideramos que o ambiente escolar é repleto de práticas que contribuem para o sexismo. Deste modo, oportunizar a quebra de paradigmas fomentados através da construção social do “rumo natural das coisas”, é necessário. Diante dos resultados, percebe-se a necessidade de intervenções pedagógicas permanentes que abordem temáticas correlatas com a do estudo apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Memes. Aula remota. WhatsApp.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB). Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: thatianegcopro@outlook.com. Endereço: Rua professora Luiza Fernandes Vieira, 2590, Ap 202, Cristo, Cep: 58.071-280 – João Pessoa, PB.

² Doutora em Ciências (Unicamp). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: silva.anapaulabispo@gmail.com. Endereço: Centro de Ciências e Tecnologia. Campus Universitário, Bodocongo, Cep: 58.109.753 - Campina Grande, PB – Brasil – Caixa-postal: 6059.

RESUMEN

Los estudios de género han destacado la necesidad de revisar las prácticas pedagógicas con la finalidad de reflexionar sobre la igualdad de derechos en el aula. Este artículo presenta un relato de experiencia que tuvo como objetivo promover la reflexión de niños sobre el sexismo en lo que se refiere a las mujeres. Para ello, se utilizaron “memes” que circulan por internet y abordan temas con humor. La experiencia se desarrolló en una clase por medio de un grupo de WhatsApp, con alumnos de 5.º año de primaria en un colegio público. Se considera que el ambiente escolar está repleto de prácticas que contribuyen al sexismo. De esta manera, se hace necesario romper paradigmas propiciados por la construcción social del “curso natural de las cosas”, en el que la inferioridad se convierte en sinónimo. Los resultados obtenidos muestran que existe la necesidad de intervenciones pedagógicas permanentes que aborden temas relacionados con el presente estudio.

PALABRAS-CLAVE: Género. Memes. Clase remota. WhatsApp.

ABSTRACT

Gender studies have highlighted the need to review pedagogical practices in order to reflect on equal rights in the classroom. To this end, this work presents an experience report that aimed to promote children’s reflection about sexism in relation to women. In doing so, we intend to deconstruct the symbolic violence disseminated by patriarchy in relation to women’s figure. For this purpose, web “memes” addressing humor were used. The experience took place through a Whatsapp classroom group, with students from the 5th year of an elementary public school. We suppose that the school environment is full of practices that contribute to sexism. Thus, to provide opportunities for breaking paradigms fostered through the social construction of the “natural course of things” is necessary. In view of the results, there is a need for permanent pedagogical interventions that address themes related to that of the study presented

KEYWORDS: Gender. Memes. Remote lesson. Whatsapp.

* * *

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui.

Guacira Lopes Louro

Introdução

As relações de gênero que permeiam o campo sociocultural, estão carregadas de estereótipos acerca dos comportamentos aceitos para o feminino e masculino. Deste modo, instaurou-se a assimetria entre os gêneros como rumo natural das coisas, contribuindo para o que Bourdieu (2020) denomina de violência simbólica³. Para melhor entendermos essas afirmações ancoramos o conceito de gênero nos descritos por

³ [...] invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento[...]. (BOURDIEU, 2020, p. 12)

Weeks (2019), Louro (2014) e Carvalho (2013), como construção sociocultural de comportamentos definidos de acordo com o sexo biológico. A partir desse conceito, espera-se que o homem e a mulher desempenhem papéis de gênero distintos, que correspondam as suas genitálias.

Diante desse entendimento, a desconstrução do conceito acerca de relações de gênero fomentado socialmente na compreensão patriarcal, na qual a mulher deve ser submissa ao homem, é imprescindível. Afinal, é essa compreensão patriarcal que, além de promover a violência denunciada aos órgãos públicos de proteção a mulher⁴, corrobora para limitar os espaços sociais para o feminino, condicionando-o a esfera privada, que corresponde aos serviços domésticos, ou a profissões que configurem atividades de cuidadoras.

Diante dessa compreensão, percebemos a inferioridade atribuída ao feminino no contexto sociocultural, descrita de maneira cômica nos “memes”, que são difundidos socialmente através das redes sociais com apenas um clique. Minois (2003) chama atenção para a intencionalidade de provocar o riso a partir de compreensões culturais que refletem a realidade social. Nessa perspectiva, Alberti (2002) descreve que através do humor representações do social são descritas, assim como propõe a modificação de uma situação. “[...] A comédia tende a fazer ressaltar as fragilidades do ser humano: o vício, a negligência, a pompa, a presunção ou a insensatez [...]” (NOGUEIRA, 2010, p. 20). A comicidade apresentada através dos memes sexistas, certamente contribui para que os estereótipos acerca do feminino, ao serem encobertos pela ironia, escondam a intencionalidade presente no discurso implícito, ao ser compreendido apenas como uma forma de promover o riso.

Desse modo, a instituição escolar surge como espaço para oportunizar práticas pedagógicas de reflexão e, conseqüentemente, de desconstrução dos estereótipos acerca do feminino. Louro (2014, p. 84) afirma: “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.” O androcentrismo descrito por Bourdieu (2020, p. 60) está presente no contexto escolar, e por vezes entrelaçado entre as práticas pedagógicas direcionadas e nos discursos entendidos como o rumo natural das coisas. “É impossível esquecer que uma das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina na escola consiste em saber que, sempre que a professora disser que ‘os

⁴<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contra-a-mulher/o-que-e-central-de-atendimento-a-mulher-2013-ligue-180>

alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio’, *ela* deve se sentir incluída” (LOURO, 2014, p. 70). Apesar de sabermos a necessidade da mudança para garantir a equidade entre os gêneros, existe uma resistência implícita, explicitada em discursos que insistem em negar a existência do “outro”, o que corrobora para a discriminação validada por uma instituição que deveria ter como prerrogativa a construção de uma sociedade igualitária.

Uma possibilidade de inserir a escola para romper esse paradigma é iniciar a discussão de gênero ainda no Ensino Fundamental. Nesse sentido, a pedagogia de multiletramentos, na qual a aprendizagem acontece a partir da leitura de mundo oportunizada pelas mídias, é importante por tornar os textos que circulam nas plataformas digitais instrumentos para proporcionar conhecimento, conforme argumenta Rojo (2012).

Cientes desses discursos, e considerando que é papel da escola transpor as paredes físicas que limitam a aprendizagem, apresentamos o relato de uma prática pedagógica que, fazendo uso dos memes, oportunizou uma aprendizagem reflexiva acerca das relações de gênero disseminadas nas redes sociais. A aula teve como recurso o uso do aplicativo WhatsApp, que possibilita interação através de textos multimodais (com imagens, sons e vídeos), promovendo ainda vídeo conferência e gravação de áudios, os quais foram essenciais para a mediação da aula. Corroborando Nascimento e Nascimento (2020), a aprendizagem oportunizada mediante a reflexão crítica dos discursos que circula nas redes, possibilita ampliar a compreensão de mundo dos estudantes, favorecendo o letramento crítico.

Identificando o “espaço” e o público alvo

A aula remota aconteceu no dia 26 de novembro de 2020, com crianças entre 10 e 11 anos de uma turma de 5º ano, de uma escola pública localizada na cidade de João Pessoa – PB durante o isolamento social ocasionado pelo covid-19. Foi criado um grupo específico no WhatsApp para esse momento, pois no grupo da turma estão os responsáveis pelos/as e alunos/as, e a intencionalidade era promover uma reflexão desprovida da mediação de adultos, que por vezes estão imersos em discriminação o que poderia dificultar a reflexão necessária.

Os/as alunos/as foram convidados para participar desse grupo com a permissão dos responsáveis, sendo que participaram da atividade 5 alunas e 3 alunos, de uma

turma de 31. O número de participantes foi restrito por diferentes fatores, como: (1) acesso a celulares pessoais, já que a maioria dos estudantes usam os aparelhos dos adultos responsáveis, que dificilmente conseguem disponibilizar os aparelhos para aulas síncronas; e (2) um aluno não participou por questões de suas limitações cid G 40 Epilepsia e G 80 Paralisia Cerebral. O convite foi realizado através de áudio enviado pelo aplicativo WhatsApp. Após a concordância dos responsáveis e o aceite dos alunos e alunas, o grupo foi criado. As perguntas feitas e as reflexões dos/as alunos/as foram compartilhadas através de áudio, e foi usando um aplicativo (Transcriber), que tem como funcionalidade transcrever áudios do aplicativo WhatsApp, o que possibilitou coletar os dados de maneira fidedigna ao expressado pelas crianças.

Relato da aula remota

Apesar da atividade de discussão dos memes ocorrer apenas no dia 26, em uma aula que teve duração de 1 hora e 5 minutos, seu planejamento iniciou no dia 20 de novembro, quando liguei para os pais e responsáveis pedindo autorização para criar o grupo apenas com as crianças. No dia 24 de novembro, solicitei através de áudio no grupo que foi criado com autorização dos responsáveis, memes que os/as alunos/as conhecessem, sem qualquer tema específico, o que teve como objetivo saber se os estudantes conheciam essa modalidade de texto. O envio dos memes por parte das crianças aconteceu entre os dias 24, 25 e 26, até algumas horas antes de iniciar a aula. Mediante o atendimento dessa solicitação verificamos que todos/as conheciam essa modalidade de texto, o que possibilitou a realização da aula sem precisar explicar o que são os memes. Devido à dificuldade em ficar todos online em um mesmo horário, por questões de acesso à internet e celulares, marquei com antecedência o horário para garantir que estivessem presentes para analisarem os memes sexistas juntos, garantindo que não teriam interferência de adultos. Para poder iniciar a aula no dia e horário marcado com antecedência, enviei um áudio solicitando que cada aluno/a sinalizasse com um *ok* para que fosse possível saber que estavam presentes, após certificar que todos/as estavam online, passei as seguintes orientações de como funcionaria a aula através de áudio. Num primeiro momento, eles receberiam os memes e perguntas correspondentes; na sequência, cada um dos membros do grupo deveria gravar um áudio dizendo o que entendeu da mensagem passada através do meme. A mensagem só poderia ser enviada após ouvir por completo a pergunta que acompanhava o meme; e

outros memes só seriam enviados após todos responderem, por mensagem gravada, a pergunta anterior. Todos/as enviaram *ok* sinalizando que tinha entendido as orientações para a aula. Mediante a concordância dos/as alunos/as foi enviado o primeiro meme seguido de uma pergunta realizada através de áudio. (Figura 1).

FIGURA 1: Inerente a Criação



Fonte: <https://me.me/i/aew-deus-o-ngo-tava-daora-mas-quem-vai-lavas-7198052>. Acesso em: 15/12/2020.

Pergunta 1: Observem esse meme: qual o sentido do humor? E de acordo com ele, qual seria a obrigação da mulher? A compreensão de que o universo feminino está relacionado com as atividades domésticas ficou explícita durante as falas dos/as alunos/as. A normalidade com o discurso apresentado imperou nas falas, mediante a frase: *Ele também pode ajudar*, referindo-se ao homem. A palavra *ajudar*, reflete o entendimento que a obrigação com as atividades domésticas compete apenas a mulher, sendo ao homem atribuído apenas em segundo plano, não sendo direcionada para ele. Uma das frases que mais chamou atenção foi de um menino ao expressar: *Deus que colocou ela lá, pra ela ser auxiliadora do homem e ela não falou nada, só quem falou foi o homem*. O discurso religioso impregnado do rumo natural, no qual deve a mulher ser auxiliadora do homem, competindo a ela as atividades domésticas foi explícito. Assim, ao descrever a mulher apenas como auxiliadora, ou seja, para ajudar o homem, mais uma vez a palavra *ajudar* surge de forma implícita, apresentando a separação presente nas atribuições que se compreendem de acordo com o gênero. Percebemos a naturalidade com que é aceito o direcionamento da mulher para atividades que atendam

a perspectiva do estereótipo criado, no qual de acordo com o direcionamento religioso ela deve estar submissa ao homem, assim como a esfera privada é o seu lugar, deixando a condição feminina imersa em uma limitação sociocultural.

FIGURA 2: Românticos?



Fonte: <https://www.bombounowa.com/imagens/quem-foi-que-disse-que-nao-existem-mais-romanticos>. Acesso em: 15/12/2020.

Pergunta 2: Sobre esse meme aqui (Figura 2), qual o sentido do humor desse meme? O que, ao olhar pra essa imagem, traz vontade de sorrir ou achar engraçado? Acerca do entendimento das mensagens passadas, as falas das meninas apresentavam desconforto e indignação da cena, elas não aceitavam a pretensão de humor proposta na imagem, como por exemplo: **menina:** *Nesse meme que entendi que ele esqueceu que era sua esposa e a trata como sua empregada.* Enquanto que os meninos discursavam aparentemente confortáveis com a cena apresentada, expressa no riso, **menino:** *De novo, né? Porque é muito engraçado esse meme Ó, mas eu acho que ele foi fazer o café da manhã romântico, mas ele viu que era difícil, né? Pra fazer. Aí pegou a limpeza pra ver se agradava a mulher. Mas também pra ela acorda né e já lavar a casa, né? Eu acho que é assim. É, porque é muito engraçado, seguindo de risos.*

A entonação assim como o sorriso expresso depois da fala, mostra que a intencionalidade da comicidade foi atingida, gerando um discurso permeado por estereótipos passados de forma normal, e engraçada. Mas, para as meninas, as expressões foram de indignação, não concordavam com o que foi expresso, antes diziam

que estava errada. Esse comportamento mostra como práticas sexistas permeiam o universo dos meninos sem causar desconforto.

FIGURA 3: Direção não é sua vocação



Fonte: <https://piadas-e-videos.com/imagem/coisas-de-mulher-15041>. Acesso em: 15/12/2020

Pergunta 3: Então, nesse outro meme que fala sobre direção (Figura 3). Qual o motivo do humor desse meme? A análise desse texto apresentado revelou a criticidade dos estudantes acerca da reflexão presente no texto ao expressarem: **Menino:** *Professora, nesse aí ele tá perguntando o que a mulher tá fazendo. Ela disse, nada. Coisas de mulher. Aí ele tá perguntando se ela bateu o carro outra vez. Então, ele está dizendo que a mulher não sabe dirigir.* **Menina:** *Nesse meme eu entendi que ele quis dizer que é a mulher que só serve pra fazer as coisas de casa e não soubesse fazer outras coisas como os homens fazem.* A segunda fala expressada por uma aluna, remete ao discurso implícito que dirigir seja compreendido como atividade masculina, e atividades domésticas como feminina. O fato da mulher ser vista como alguém que não sabe dirigir mais uma vez mostra a esfera privada sendo considerada como a da mulher, e a pública como espaço do homem.

Em relação à Figura 4, a imagem representa uma sátira acerca do universo feminino correlacionado ao ser considerado certo quando a mulher faz atividades domésticas, sendo errado quando ela transpõe essa compreensão construída no universo sociocultural. Pergunta 4: Olhe com calma, com cuidado, tá? Com atenção, o que que tá sendo considerado certo? E o que que tá sendo considerado errado? **Menino:** *Não é isso*

aí, professora? É que ela não entende de ser DJ e o certo que ela acha é tá em casa lavando os pratos. Que é mais fácil. A expressão do aluno remete ao entendimento que a escolha é da mulher, em fazer as atividades domésticas pois é mais “fácil” que ser DJ. **Menina:** *Eu acho que pra mim é nessa imagem não existe certo ou errado porque eu acho que a mulher pode fazer tanto as coisas em casa, como poder fazer fora também.* A análise das meninas gira em torno de lutar e questionar a naturalidade da imposição ao rumo “natural” das coisas. Elas não interpretam simplesmente, mas questionam o que é proposto. Certamente ao se identificarem como mulheres, rejeitam essa construção cultural na qual teriam que estar sempre ligadas a atividade doméstica, fica claro que elas desejam quebrar esse paradigma.

FIGURA 4: O certo limita



Fonte: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/1970812,2017>. Acesso em: 15/12/2020.

Ao finalizar a exposição dos memes sexistas, ficou entendido que é unânime a compreensão da mulher ter obrigação com serviços domésticos, ficando o homem apenas para ajudar. Ainda percebemos que ao falarem que a mulher pode trabalhar fora, as atividades domésticas permanecem como sendo sua obrigação, o que favorece o entendimento do que seria o “terceiro turno”, no qual a mulher trabalha fora e ao chegar em casa as atividades do lar lhe aguardam sendo o homem apenas para ajudar, ainda que ambos atuem em esferas públicas.

Uma das alunas expressou: *Eu acho isso errado porque, quanto uma mulher ou quanto um homem pode arrumar a casa, principalmente o homem, né? Porque as vezes tem algumas pessoas que julgam que acha só porque o homem está arrumando a casa, acha que ele é mulherzinha, mas isso é errado, né? Porque a mulher e o homem podem*

arrumar a casa, pode lavar os pratos. O entendimento que o gênero feminino compreendido como responsável por realizar as atividades do lar, sendo o homem que romper com esse paradigma terá sua orientação sexual questionada socialmente é percebido. As atividades domésticas, se realizadas pelos homens, seria uma indicação que eles seriam homossexuais. Percebemos mais uma vez que o machismo enraizado é danoso ao homem e a mulher, pois o homem, ainda que deseje uma mudança de postura diante da construção que viveu durante a vida, acerca do que seria masculinidade, certamente pode se sentir inibido ao tentar quebrar paradigmas por não querer ter que lidar com rótulos e estigmas criados socialmente.

As falas ao final da aula, apresentaram que a mulher “pode” trabalhar fora. A palavra “pode” está encoberta pelo entendimento de não ser algo natural, apenas caso precise, mas sua esfera continua a doméstica, o que mostra a compreensão patriarcal impregnada na vida dos sujeitos. Sabemos que por serem crianças, essa percepção certamente irá direcionar para escolhas de profissões, e por conseguinte, modelos de relacionamentos desde a infância à idade adulta.

No planejamento da aula não estava inserida as imagens das mulheres que construíram carreiras que não atendem a limitação imposta para o feminino. Entretanto, diante do entendimento da assimetria de gênero presente nos discursos dos/as alunos/as, e percebendo o desconforto das meninas diante das limitações apresentadas para as mulheres, na intencionalidade de mostrar que a mulher tem capacidade para estar presente nos lugares que desejar, pesquisei no celular que estava usando o nome de mulheres que conhecia e que romperam com as limitações apresentadas nos memes.

Sabemos da necessidade de aprofundar esse diálogo, entretanto considerando que era uma aula por WhatsApp e não poderíamos passar muito tempo com os alunos/as em aula síncrona, e compreendendo ainda que este seria um momento para direcionar outros desdobramentos acerca do sexismo, seguimos com a apresentação das imagens acompanhadas de áudio explicativo sobre o trabalho de cada uma das mulheres encontradas, assim como legenda com os nomes nas fotos na medida que eram enviadas. As três mulheres escolhidas para representar o gênero feminino como capaz de romper com os papéis que as deixam apenas na esfera doméstica foram: Hedy Lamarr (responsável por criar a tecnologia para desenvolvimento do wifi); Mary Jackson (a primeira mulher negra a ser cientista na NASA⁵); e Carol Jemison (primeira

⁵ Foi explicado de forma sucinta o trabalho que a NASA realiza para que os/as alunos/as pudessem compreender a importância da sua atuação

mulher negra a viajar para o espaço). Mulheres negras foram escolhidas de forma intencional pois sei a importância da representatividade para as meninas negras que participavam da aula.

FIGURA 5: Hedy Lamarr (1914-2000)



Fonte: Hedy Lamarr – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 15/12/2020

Após o envio da foto seguiu-se com a seguinte fala, **professora:** *Crianças, se hoje estamos usando a internet sem precisar ter fios conectados nos celulares devemos isso a criação dessa mulher da foto, Hedy Lamarr, ela inventou a base para a tecnologia do Wifi, que é tão importante para nós. Agora vou enviar a foto da primeira mulher negra a ser engenheira da NASA.*

FIGURA 6: Mary Jackson (1921-2005)



Fonte: Mary Jackson – Wikipedia, a enciclopédia livre (wikipedia.org) Acesso em: 15/12/2020

Professora: *Essa mulher rompeu com muitos preconceitos sabiam?! A primeira mulher a ser cientista na NASA, a NASA é um lugar onde as pessoas constroem os foguetes, esses que vão para o espaço, foi lá que construíram o primeiro foguete para ir pro espaço. Ela sendo negra imagino de que deve ter enfrentado muito racismo também. Agora eu vou apresentar a mulher que foi para o espaço, ela é uma astronauta da NASA também.*

FIGURA 7: Carol Jemison (1956-)



Fonte: Ficheiro:Mae Carol Jemison.jpg – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso: 15/12/2020

Professora: *Essa mulher, chamada Carol Jemison, foi para o espaço, ela foi em uma espécie de nave para fazer pesquisas. Vocês já viram nos desenhos ou em alguma reportagem falando sobre pessoas que vão para o espaço? Então, ela foi uma mulher que participou disso. Crianças, vocês estão vendo como as mulheres são capazes?! E olhe que nem mostrei foto de todas, não caberia em uma aula. Temos muitas outras cientistas assim como estas que mostrei, muitas mulheres entenderam que podem fazer qualquer coisa, que são capazes, e que ter nascido mulher não quer dizer que tenham que ficar fazendo tarefas domésticas, elas podem fazer o que quiserem.*

Após o envio das imagens e mediante a explicação sobre a importância das mulheres não estarem limitadas as atividades domésticas, foi solicitado que expressassem qual a aprendizagem na aula. **Menina:** *Eu aprendi que e não só os homens quanto as mulheres podem trabalhar, né? E elas podem ir pra, pra o lugar que elas quiserem, se divertir, né? Pra qualquer lugar e qualquer mulher negra, morena, branca, pode sim, e, ter capacidade de fazer alguma coisa. Menino:* *Professora, eu aprendi hoje que a mulher não faz só as coisas dentro de casa, ela é independente pode fazer as coisas em outros lugares, como e trabalhar e se divertir.*

Sabemos que as falas representam um relato diante de uma atividade pontual. Deste modo, não podemos garantir que a partir desses momentos os/as alunos/alunas, deixaram de reproduzir práticas sexistas, visto que são disseminadas socialmente como naturais. Entretanto, representam a importância de, através de práticas pedagógicas, despertarmos o senso crítico dos estudantes acerca das relações de gênero, com a finalidade de desconstruir a assimetria entre os gêneros compreendida como natural, para que assim possamos caminhar para uma sociedade igualitária, na qual ser mulher deixa de ser sinônimo de inferioridade.

Teoria e experiência com as relações de gênero

A reflexão dos/as alunos/as acerca dos memes sexistas, nos proporcionou perceber que a compreensão patriarcal que foi fomentada através de práticas oriundas do exercício da medicina, e por conseguinte cercadas por questões religiosas, estão intrínsecas na condição que a mulher é vista na contemporaneidade.

Priore (2004), descreve o entendimento da medicina ao apresentar questões biológicas que remetiam a fragilidade do corpo feminino, “[...] em contraste com o aspecto musculoso que se exigia do corpo masculino, expressava igualmente a sua natureza amolengada e frágil, os seus sentimentos ‘mais suaves e ternos’”. (PRIORE, 2004, p. 74). A descrição do corpo da mulher como sendo sinônimo de fragilidade, correlacionado com os sentimentos de afeição que refletem condições para práticas referentes a criação de filhos/as, contribui para delimitação do espaço social que ela irá percorrer, assim como fomentaram as relações de poder que estão na base social da contemporaneidade. Para Bourdieu (2020), a dominação do homem sobre a mulher, é garantida mediante a “visão mítica de mundo”, exercida através das diferenças biológicas. A base social que foi forjada pelo eurocentrismo está imersa no entendimento que limita e delimita a mulher, onde o corpo foi usado para condicionar os comportamentos sociais.

O controle sobre o corpo feminino foi inserido de maneira compreendida como necessária, natural, seguindo o rumo natural das coisas, “[...] padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente enraizado” (WEEKS, 2019, p. 71). A padronização de comportamento e ações aceitáveis aos gêneros é determinada de acordo

com o sexo biológico, e passada como verdade absoluta por estar mergulhada no discurso científico, o que dificulta essa desconstrução.

É nesse ponto que a escola assume papel fundamental. É “através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas” (LOURO, 2014, p. 28). A determinação cultural da sociedade reverbera no comportamento dos sujeitos que dela fazem parte, não existindo um rumo natural biológico que seja responsável por direcionar maneiras de portar-se inerentes ao feminino e ao masculino. Scott (1995) apresenta o conceito de gênero afirmando que de acordo com a cultura são disseminadas as diferenças determinadas pelo sexo biológico, não sendo algo engessado e estático, construindo-se a partir de normas pré-estabelecidas

Diante dessa compreensão, sendo a escola uma instituição construída a partir do entendimento cultural existente na sociedade, está envolta em práticas e atividades preconceituosas e discriminatórias, o que contribui para que de forma implícita o sexismo seja não apenas disseminado, mas validado nas aprendizagens existentes no campo escolar. “Todos os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (LOURO, 2000, p. 60). Bourdieu (2020) destaca que mesmo que as instituições escolares estejam fora do domínio da igreja, a compreensão patriarcal de comportamento de gênero permanece intrínseca nas ações existentes. Promover a quebra de paradigmas é necessário, para que a escola cumpra seu papel social na busca pela equidade. Para tanto, promover práticas pedagógicas que fomentem a desmistificação do padrão estabelecido para o homem e para a mulher deve estar dentro das aprendizagens construídas nesse espaço. É a instituição escolar a única formadora dos sujeitos mediante o poder exercido pelo Estado; deste modo é essencial atuar de maneira igualitária diante da compreensão de gênero.

Conclusão

A análise dos memes sexistas promovida através de uma aula remota, nos conduziu a reafirmar a importância em desconstruir a compreensão patriarcal acerca das relações de gênero compreendidas como “naturais”. Precisamos entender que essa compreensão perpassa a instituição escolar, desde sua divisão de atividades para meninos e para meninas, até o discurso que meninos são melhores que meninas em

determinadas atividades por questões biológicas. Desmistificar e desconstruir a compreensão que está no contexto sociocultural é uma tarefa pedagógica e, conseqüentemente, escolar.

Sabemos que dependendo do espaço e contexto em que a instituição escolar esteja situada, o uso dos memes como estratégias pedagógicas para promover essa aprendizagem pode não ser aplicável. Entretanto, procurar outras abordagens com a finalidade de construir aprendizagens significativas que promovam a equidade de gênero é necessário; garantir que meninos e meninas sejam cidadãos está para além de decifrar códigos ou conteúdos curriculares apenas para cumprir prerrogativas de avanço nos anos escolares. A cidadania está ligada a promover a aprendizagem para além dos muros das escolas, oportunizando assim sujeitos reflexivos, críticos, aptos a transformar o meio sociocultural do qual fazem parte.

Referências

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. FGV, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* Tradução Maria Helena Kuhner. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CARVALHO, Maria Pinto de. Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. In: *Educação e Realidade*, Rio Grande do Sul. v.25. n. 2, p. 59-76, jul/dez.2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/46833/29119>. Acesso em: 22 out. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo; NASCIMENTO, Thatiane Oliveira. Questões de gênero na apropriação didática dos memes. *Revista temática*, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 76-94, nov.2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2020v16n11.56170>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.

NOGUEIRA, Luís. *Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos*. Covilhã: Labcom, 2010.

PRIORE, Mary Del. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: contexto, 2004.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In. ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guaraci Lopes Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4.ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em junho de 2021.

Revista
Diversidade
e Educação